

RESUMOS DE TEXTOS SOBRE TEORIAS LINGUÍSTICAS - PARTE II

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

RESUMO

Esta atividade de socialização de resumo de textos sobre Teorias Linguísticas - parte II - objetiva disseminar e dar visibilidade ao conhecimento construído a partir de reflexões da sala de aula, transpondo as paredes da Universidade, estando ao alcance da comunidade acadêmico-científica.

1 A TRAJETÓRIA DA LINGUÍSTICA - BREVE HISTÓRICO

(Continuação parte I)

1.3 A POSIÇÃO DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA - O GRAMÁTICO E A LÍNGUA - LÍNGUA E AMBIENTE

O linguista americano Edward Sapir (1884-1939), nestes textos, apresenta algumas conexões entre a linguística e outras disciplinas científicas – antropologia, história cultural, psicologia, filosofia, fisiologia, física, sociologia - e traz à tona, traduzida no título, a necessidade de conceber a linguística como ciência.

Para Sapir, a linguagem é guia para a realidade social, a língua particular se tornou o meio de expressão da sua sociedade. “Entender um poema é a compreensão plena de toda a vida da comunidade”: as palavras sugerem padrões sociais. Sapir propunha que a linguística fosse um

guia para entender a geografia psicológica de uma cultura e salienta que o linguista tem de ser aberto, não pode se ater a uma única teoria.

Consoante Sapir, os estudiosos da linguagem não podem se olvidar da fonética – considera pré-requisito indispensável para a exatidão de qualquer tarefa linguística. O autor comenta que a linguística é híbrida, é multifacetada e corrobora que para a compreensão dos mecanismos das línguas é imperioso o estudo dos problemas históricos e do comportamento humano: “a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida”.

Sapir aborda a gramática e comenta o quão é pragmático o americano: “tende a impacientar-nos todo objeto, ou ideia, ou sistema de coisas que não se prestam a uma avaliação rigorosa em termos racionais e utilitários”. Diante desse processo econômico, afirma o autor que a língua é deficiente neste sentido, pois “uma língua não passa de uma alavanca para transportar de lá para cá os pensamentos”.

O linguista Sapir apontou duas maneiras de conceder à linguística a dignidade de ciência: tratá-la como história ou estudar a língua descritiva e comparativamente como forma. E, por este prisma, vai adentrando no cenário da história, da filologia, da psicologia: “o problema psicológico que mais interessa ao linguista é a estrutura da língua em termos de processos psíquicos inconscientes”. Esta questão do inconsciente será estudada exaustivamente por Freud e Pêcheaux. Para Sapir, a linguística deve compreender a língua como forma, antes de como função ou processo histórico: “a configuração formal da linguagem resulta de longo e complexo desenvolvimento histórico, que por sua vez é ininteligível sem uma referência constante aos fatores funcionais.”

Essa forma que Sapir apresenta é a gramática: o autor é contrário à rigidez de padrões, “para que não seja sentida como carga e tirania, em vez de doce enlace que devia ser”. Há claramente o viés do estruturalismo: “língua é plenitude formal” - diante de tudo que um falante deseje comunicar, por mais original que seja sua ideia, a língua irá satisfazê-lo”. Sapir também apresenta a linguagem com suas nuances peculiares que

contribuirá para a estratificação social: pronúncias, gírias, terminologias profissionais, etc.

No tocante à língua com o ambiente e a cultura, estão em constante estado de interação. Sapir aborda que o léxico, os símbolos que a humanidade desenvolveu, tem conexão com emoções, atitudes ou noções: “o interesse social determina a natureza do léxico.” O autor aponta ainda que se o ambiente físico reflete a língua de um povo, com maior amplitude isso se dará em relação ao ambiente social: o léxico de conceitos culturais vai se tornando mais rico e ramificado com o aumento da complexidade cultural. Para Sapir: “há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural, entre ambiente e léxico”.

1.4 OBJETO DA LINGUÍSTICA – A LINGUÍSTICA ESTÁTICA E A LINGUÍSTICA EVOLUTIVA, CAPÍTULO III DA OBRA CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Com este texto, escrito postumamente pelos alunos do pai da lingüística - nomeação recebida por ter propiciado uma ruptura, um corte, com os padrões até então propostos e estudados, tanto que concedeu status de ciência à lingüística -, Ferdinand Saussure apresenta a definição de língua como um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício da linguagem: língua é um todo por si e um princípio de classificação, afirmou. Também Saussure defendeu que é o ponto de vista que cria o objeto. Assinalou a dualidade no estudo do objeto da linguística: a linguagem implica um sistema estabelecido e uma evolução.

Saussure faz referência ao norte-americano Whitney, que teria razão ao afirmar que a língua é uma convenção e a natureza do signo é indiferente. Afirma Saussure que a faculdade de articular palavras prescinde do auxílio de instrumento criado e fornecido pela coletividade: é a língua que faz a unidade da linguagem. O autor genebrino reconstituiu o circuito da fala, com mínimo de dois indivíduos para que seja completo. Aborda a

necessidade de sair do individual, embrião da linguagem, e abordar o fato social.

Saussure distinguiu fala – parole – o ato individual – de vontade e inteligência, em que o indivíduo é sempre senhor, de língua – langue – conjunto heteróclito dos fatos da linguagem, exterior ao indivíduo, que só existe de modo completo na coletividade, na massa, ato social.

A possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens.

Se a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, concebe-se uma ciência que estude a vida dos signos no meio da vida social: Semiologia. Assim, Saussure apontou a Linguística como ciência ao relacioná-la com a Semiologia : considerando os ritos, os costumes como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis das ciências.

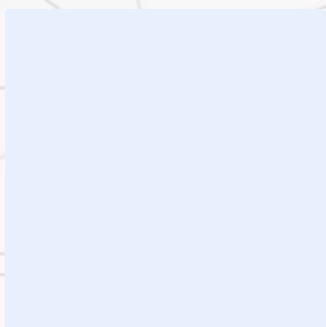
Saussure apresenta a dualidade de todas as ciências que operam com valores - o fator tempo – e propôs a divisão da Linguística em significado e significante. É imperioso estudar qualquer ciência sob dois eixos – eixo das simultaneidades e eixo das sucessões -, mais ainda à Linguística, devido ao complexo sistema de valores rigorosamente organizado. Assim, assinalou a linguística evolutiva – diacrônica – e a linguística estática – sincrônica. Saussure retoma o linguista Bopp, ao apontar a diacronia de seu estudo de gramática comparativa. Mas, também, critica-o: a gramática tradicional ignora partes inteiras da língua - formação das palavras -, é normativa, promulga regras em vez de comprovar os fatos, falta-lhe visão do conjunto - não distingue a palavra escrita da palavra falada. O autor compara o jogo da língua a um jogo de xadrez: as mudanças na língua se aplicam a elementos isolados. Em resumo, lei da sincronia, princípio de regularidade sem caráter imperativo, em oposição, fator dinâmico que se impõe à língua na diacronia. Saussure cogitou um ponto de vista pancrônico à língua, entretanto, logo o refutou haja vista cada alteração fonética estar limitada a um tempo e a um território, diacronicamente.

Assim, Saussure bifurcou língua e fala, sincronia e diacronia e com este duplo princípio de classificação apontou que é na fala que se encontra o germe de todas as modificações, diacronicamente. As inovações da fala não têm êxito enquanto individuais, elas só entram em nosso campo de observação no momento em que a coletividade – a comunidade - as acolhe. Concluiu que cada língua constitui uma unidade de estudo e nos obriga a considerá-la ora estática ora historicamente. Nesse norte, estas duas partes da Linguística serão objeto de estudo: a Linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas percebidas pela consciência coletiva e a Linguística diacrônica estudará as relações que unem termos sucessivos não percebidos pela consciência coletiva.

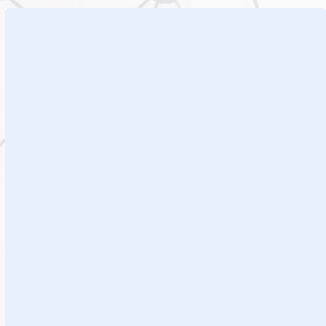
REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Abordagens diferentes ao estudo da linguagem. Pré-linguística, paralinguística, linguística propriamente dita. In: História da Linguística. RJ: Vozes. 1975.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos Pré-Saussurianos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. Introdução à linguística. Domínios e fronteiras. V.2. São Paulo: Cortez, 2001, p.27-52
- SAPIR, Edward. A posição da Linguística como ciência. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 17-27.
- SAPIR, Edward. O Gramático e a Língua. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 29-42.
- SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 43-62.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Objeto da Linguística. In. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 2006, p. 15-25.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Objeto da Linguística. In. Curso de Linguística Geral São Paulo, Cultrix, 2006, p.94-116.

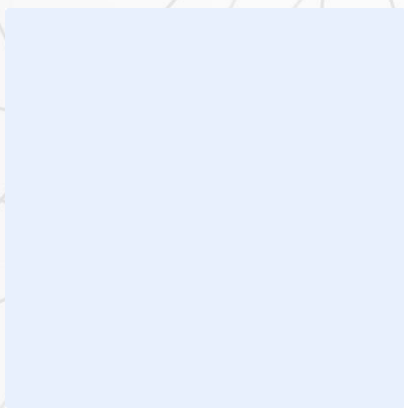
Imagens relacionadas



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte: